

O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA PLURICÊNTRICA E AS ATITUDES LINGUÍSTICAS DE FALANTES EM TIMOR-LESTE¹

Davi Albuquerque

Resumo: Este trabalho aborda as atitudes linguísticas dos falantes leste-timorenses diante do português como uma língua pluricêntrica. Para tanto, são discutidos os conceitos de pluricentrismo, variedades não dominantes (em relação às variedades linguísticas do português em diferentes estágios de formação) e de atitudes linguísticas. Aplicamos três métodos distintos (tratamento social, abordagem direta e abordagem indireta) para quantificar e avaliar as atitudes dos falantes de Timor-Leste em relação à presença da língua portuguesa em seu país; à importância das línguas locais; ao Português Brasileiro (PB); e às demais variedades do português, principalmente variedades africanas e o português falado em Timor-Leste. Os resultados alcançados são que os falantes leste-timorenses apresentam uma atitude romântica convergente, considerando como português apenas a norma europeia, associando-a a valores positivos (bom, bonito, correto etc.), enquanto as outras variedades, incluindo até mesmo o PB e o português falado por eles, são encaradas negativamente.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Pluricentrismo. Atitudes linguísticas. Timor-Leste.

Abstract: This work intends to study Timorese speakers' attitudes towards Portuguese as a pluricentric language. Therefore, the definitions of pluricentrism, non-dominant varieties (related to Portuguese varieties at different stages of formation) and language attitudes are discussed. We apply here three distinct methods (social treatment, direct approach and indirect approach) to quantify and assess Timorese speakers' attitudes towards different language situations and uses, as the presence of the Portuguese language in their country, the importance of local languages, Brazilian Portuguese (BP), and the other varieties of Portuguese, mainly African varieties and the Portuguese spoken in Timor-Leste. The results found are that Timorese speakers

1 Título em língua estrangeira: "Portuguese as a pluricentric language and Timorese language attitudes".

present a romantic convergent attitude, considering only the Standard European Portuguese as Portuguese, associating it with positive values (good, beautiful, correct, etc.), while the other varieties, including BP and the Portuguese spoken by them, are viewed negatively.

Keywords: Portuguese language. Pluricentrism. Language Attitudes. East Timor.

Introdução

A língua portuguesa é considerada como uma língua pluricêntrica por apresentar diferentes normas nacionais, umas já estabilizadas, outras em construção, apresentando, assim, diferentes normas e centros linguísticos. Neste cenário, procuramos estudar quais são as atitudes linguísticas dos falantes de uma norma em formação do português, o Português de Timor-Leste (doravante PTL), em relação a sua própria norma, a outras normas e, de maneira indireta, às línguas maternas de seu país. Assim, a presente investigação tem como objeto de pesquisa os falantes de PTL e, como recorte para este trabalho, as atitudes que alguns adultos entrevistados têm em relação às informações já mencionadas.

O presente texto é fruto de um projeto de investigação que visa a documentar a variedade do português falada em Timor-Leste, com os objetivos de descrevê-la para documentá-la, diante da comunidade científica, e valorizá-la,

diante de seus falantes. Ademais, como resultados a longo prazo, esperamos que o PTL possa ter um reconhecimento tanto por seus falantes (como uma norma nacional), quanto no mundo acadêmico, para que haja mais pesquisadores interessados e, que assim, possa ocorrer mais investigações. Assim, analisar as atitudes linguísticas é uma maneira de expor e conscientizar os falantes leste-timorenses a respeito do preconceito linguístico e da desvalorização de sua própria cultura.

No cenário atual, uma parte significativa dos linguistas não se interessa pelos estudos da língua portuguesa em Timor-Leste, tampouco das línguas locais, e, da mesma maneira, os falantes leste-timorenses consideram sua variedade não dominante como um “falar errado”, “de pessoas que não aprenderam” ou “que não sabem falar português”.

Acreditamos que por meio do desenvolvimento e da disseminação de estudos sobre o PTL, podemos mudar de forma positiva o cenário citado acima, pois, em posse de mais estudos, saberemos mais a respeito do PTL e, com vários pesquisadores e instituições interessados nessa variedade, seus falantes tanto reconhecerão o valor do PTL, como passarão a utilizá-lo no dia a dia, a ensiná-lo e a disseminá-lo como uma variedade nacional, que será parte da cultura do país e, também, um símbolo de sua identidade.

Assim, partimos da hipótese de que o PTL é uma variedade não dominante em construção, que se encontra num estágio inicial de construção e, por isso, apresenta uma ampla variação. Desta maneira, o PTL apresenta diferentes normas vernáculas ou populares, Este conceito de norma pode ser entendido, de acordo com Lucchesi (2002), como sistemas heterogêneos e variáveis, os quais refletem uma polarização linguística da sociedade na qual a língua é falada², enquanto não é possível falar duma norma padrão ou culta do PTL, já que para isso os falantes recorrem ao Português Europeu (PE), descartando sua variedade nacional.

Este texto se encontra dividido da seguinte forma: após esta breve introdução, fornecemos os subsídios teóricos a respeito do pluricentrismo linguístico, das atitudes linguísticas e do PTL, em (1), para, em seguida, em (2), apresentarmos a metodologia utilizada aqui; na próxima seção, em (3), efetuamos o estudo de caso, com uma análise das atitudes linguísticas dos falantes leste-timorenses em

2 O estudo de Lucchesi (2002), bem como os demais deste autor, é baseado na realidade sociolinguística do Brasil, com a existência de uma elite que é falante da norma padrão e acaba por excluir os menos favorecidos, bem como estigmatiza as normas vernáculas, que são as variedades distintas faladas pelos brasileiros menos favorecidos por todo o vasto território do país. Podemos estender esta análise para o mundo lusófono e para vários outros países, pois a língua portuguesa em Timor-Leste apresenta a mesma configuração polarizada, com uma elite que faz uso do PE como norma padrão, enquanto os cidadãos desfavorecidos não falam português, estão a aprender ou falam a variedade do PTL, a qual, com suas diferentes normas vernáculas, é estigmatizada.

relação ao PTL e a outras variedades não dominantes do português. Finalmente, em (4), redigimos as considerações finais como uma conclusão deste trabalho.

1. Português como língua pluricêntrica, variedades não dominantes e atitudes linguísticas

1.1 O português como língua pluricêntrica

Desde os estudos de Clyne (1992) sobre pluricentrismo linguístico, a língua portuguesa é reconhecida como pluricêntrica (BAXTER, 1992), apresentando ao menos duas normas nacionais distintas, o Português Europeu (PE) e o Português Brasileiro (PB), sendo considerada uma língua que apresentaria um dos únicos casos de pluricentrismo simétrico (CLYNE, 1992, p. 463), já que Portugal, com a primazia histórica, um país desenvolvido e com uma economia estável, é balanceado pelas dimensões territorial e populacional do Brasil, junto com o destaque de alguns bens culturais (futebol, telenovela, música etc.) e como um país em desenvolvimento, como parte do BRICS, entre outros fatores (SILVA, 2014, p. 146). Porém, ainda segundo Silva (2014, p. 146), esses aspectos teóricos são desequilibrados na prática por outros fatores que tornam o pluricentrismo lusófono assimétrico, sendo eles: a falta de um órgão único responsável pela promoção e difusão da língua portuguesa

e do PB por parte do governo brasileiro; os falantes de PB serem familiarizados somente com a sua variedade, desconhecendo ou até não compreendendo o PE; a norma do PB é distinta da realidade e da diversidade linguística do país. Podemos acrescentar também que uma parcela significativa dos falantes brasileiros apresenta atitudes de preconceito linguístico diante do PE e das variedades vernáculas do PB, bem como até os dias atuais o Estado brasileiro não apresenta uma política objetiva em relação à difusão e promoção do português pelo mundo.

É possível perceber, a partir do cenário apontado anteriormente, que, além dos problemas existentes que promovem um pluricentrismo assimétrico, quase não há lugar para os demais países lusófonos tanto de uma perspectiva linguística e educacional, quanto política e econômica. Tudo isso leva também a uma gestão pluricêntrica bilateral do português, com a predominância dos dois grandes centros da lusofonia, a saber Portugal e Brasil, o que faz com que alguns linguistas, como Silva (2018), considerem o português como uma língua bicêntrica, bem como multinacional (e não uma língua internacional), não pluricêntrica.

Os dois argumentos principais são que o desenvolvimento das demais normas nacionais, como o Português de Moçambique (PM), Português de Angola (PA), o PTL,

entre outros, ainda está em vias de reconhecimento e/ou formação; e os esforços e iniciativas para uma padronização comum do português são recentes, ainda não existindo uma norma internacional para podermos nos referir ao português como língua internacional³.

Enquanto o tema abordado no segundo argumento, a internacionalização do português, foge do escopo do presente estudo, o reconhecimento, a valorização e o desenvolvimento das variedades nacionais dos outros centros lusófonos são de fundamental importância para a presente investigação.

Ademais, é importante em nosso trabalho os modelos racionalistas e românticos em relação ao pluricentrismo do português, baseado nos modelos homônimos propostos por Geeraerts (2003) para a variação linguística, elaborados por Silva (2014, 2020) e que podemos aplicar também para as atitudes linguísticas dos falantes diante das diferentes normas. De acordo com Silva (2014, 2020), ambos os modelos são divididos em atitudes convergentes e divergentes, o que gera quatro casos distintos. A atitude romântica convergente é normativista em excesso e, no caso dos falantes do PB, idealiza-se que o “português correto” é somente o PE,

3 Para um debate sobre a internacionalização do português e o português língua internacional, ver Santos (2016), Mulinacci (2016) e Albuquerque (2021).

enquanto a atitude romântica divergente é aquela que apresenta traços nacionalistas, ideológicos e emotivos que almejam a separação do PB como uma “língua brasileira”, a qual não é mais a língua portuguesa. Já a atitude racionalista convergente é bem conhecida da “unidade na diversidade”, sendo mais praticada em Portugal, e acaba por pensar nas oportunidades que a globalização e a internacionalização do português podem oferecer aos países e a seus falantes. Finalmente, os praticantes da atitude racionalista divergente consideram importante a pesquisa e o ensino das variedades urbanas do PB com fins políticos e educacionais.

1.2 O PTL como uma variedade não dominante

As línguas pluricêntricas são aquelas que apresentam diferentes centros e diferentes normas nacionais/locais. Essas normas nacionais ou locais não são reconhecidas ou devidamente desenvolvidas. Há alguns casos também em que ainda estão em formação. Em todos esses exemplos são chamadas de variedades não dominantes, sendo que há uma série de características sociopolíticas e tipológicas para a classificação dessas variedades com essa terminologia (MUHR, 2005, 2012).

No mundo lusófono é possível afirmar que há uma série de variedades não dominantes, como o Português de

Angola (INVERNO, 2011), o Português de Macau (BAXTER, 2009), o PTL (ALBUQUERQUE, 2011), entre outras. Nesta mesma linha de argumentação, damos destaque ao PM por avaliarmos ele como uma variedade em um estágio avançado de construção e estabilização de sua norma nacional, já que há diversas pesquisas e iniciativas, as quais procuram tanto documentar o PM, como o projeto do DiPoMo (Dicionário do Português de Moçambique) ou as diversas publicações sobre o PM (GONÇALVES, 1996, 2010; GONÇALVES; STROUD, 2000, 2002), quanto as atitudes positivas dos falantes moçambicanos em relação ao PM (CAO PONSO, 2016; LANGA, 2019).

Um caso conspícuo é o da formação da norma brasileira, que se deu a partir do início do século XIX, com a independência, o que incitou sentimentos nacionalistas. Em posse desses sentimentos, começou um longo debate de natureza filológico-gramatical, que é conhecido como “a questão da língua brasileira”, com a documentação desse período sendo compilada e comentada de maneira exemplar em Pinto (1978), bem como a elaboração de livros, gramáticas e materiais didáticos juntamente com a preocupação do ensino de língua portuguesa. Assim, muitos intelectuais brasileiros perceberam e (re)pensaram as complexas relações entre língua, nação e identidade. Desta

maneira, o PB foi desenvolvido, documentado, valorizado e ensinado, tornando-se uma variedade nacional e sendo o maior representante, em número de falantes, na atualidade.

Contudo, mesmo com a estabilidade do PB, até hoje ainda há certas personalidades (ex. jornalistas, advogados e alguns autores de gramáticas normativas), que surgem em diferentes meios de comunicação, tentando inverter a ideia de língua e nação, considerando a norma brasileira, os brasileirismos e a variação linguística existente no PB como uma ameaça ao Brasil e à língua portuguesa, exigindo, assim, que os brasileiros voltem a falar e a escrever com base no PE. Porém, essas figuras públicas são efêmeras e facilmente contra-argumentadas pela comunidade científica, por meio de uma vasta bibliografia a qual analisa questões de variação e preconceito linguístico no Brasil, e a norma culta e as normas vernáculas brasileiras (FARACO, 2008).

Dessa maneira, no processo de formação e estabilização do PB, o que podemos constatar são atitudes românticas por parte dos falantes brasileiros, tanto românticas convergentes (os profissionais que ainda idealizam a norma do PB como sendo o PE), como também românticas divergentes (pessoas que desejam a separação total de qualquer relação linguístico-cultural entre Brasil e Portugal).

Em relação aos estudos específicos que reconhecem e/ou analisam o status do PTL, bem como o estágio em que se encontra no processo de formação de uma variedade nacional, é possível afirmar que o PTL se encontra em estágio inicial e as investigações são recentes e escassas, destacando-se: Albuquerque (2011), que propõe um *continuum* de variação e trata o português de Timor-Leste como uma variedade emergente; Afonso e Goglia (2015) estudam algumas sentenças do português falado por imigrantes leste-timorenses residentes na Europa, atestando que se tratam de inovações de uma variedade não dominante ainda em construção, portanto instável; Batoréo (2016) descreve algumas estruturas linguísticas do PTL e acaba por considerá-las como exemplos de uma variedade emergente em vias de estabilização e, por isso, apresentando algumas estruturas variáveis.

As características principais documentadas até o momento do PTL são a utilização de advérbios ou locuções adverbiais (ex.: *já, ainda, ainda não*) em posição pré-verbal para marcar as categorias de tempo, modo e aspecto; construções com a expressão *é que* utilizada de maneira polissêmica; uso variável e ausência da cópula; uso variável de preposições; emprego em excesso do *se* em construções

impessoais; redução do paradigma de pessoa e do uso dos pronomes pessoais (ALBUQUERQUE, 2011; AFONSO; GOGLIA, 2015; BATORÉO, 2016).

1.3 Os estudos de atitudes linguísticas

De acordo com Garret (2010), as atitudes são um constructo psicológico e não são definidas, tampouco mensuráveis facilmente, sendo a definição mais acessível, servindo como ponto de partida para as pesquisas, a oferecida por Sarnoff (1970), o qual afirma que atitudes são as disposições de uma pessoa reagir favoravelmente ou desfavoravelmente a algum objeto ou conjunto de objetos específicos.

Segundo Garret, Coupland e Williams (2003), os três principais elementos das atitudes linguísticas são: o cognitivo (crenças e estereótipos), o afetivo (julgamentos e avaliações) e o comportamental (qualquer tipo de reação do indivíduo). Ademais, os métodos utilizados para o estudo das atitudes linguísticas também são três distintos:

- a abordagem do tratamento social, que efetua análise de documentos e/ou realização de observações etnográficas;
- a abordagem direta, na qual o pesquisador elabora entrevistas e/ou questionários aos falantes sobre suas atitudes;
- a abordagem indireta, em que são avaliadas as reações subjetivas dos falantes por meio da técnica *matched-guise*

(estímulos pareados), na qual são realizados diferentes testes de gravação, audição e reconhecimento de vários dialetos/ variedades.

Ainda, na elaboração dos questionários e nas entrevistas para avaliarmos as atitudes, de acordo com a abordagem indireta, preocupamo-nos com a atitude explícita e o grau de familiaridade dos falantes em relação à língua portuguesa, à variedade do PTL e às línguas locais de Timor-Leste, por meio da classificação entre dois tipos de perguntas, proposta por Ryan e Giles (1992), sendo elas: as perguntas relacionadas ao status (ing. *status-related questions*) e as perguntas familiares/ solidárias (ing. *solidarity-related questions*). O primeiro tipo preocupa-se com os valores e usos que a língua/variedade assume na sociedade, enquanto o segundo, procura observar o grau familiaridade do falante ao interagir via determinada língua/variedade. Digno de nota é que nos dedicamos às atitudes explícitas e à familiaridade pelo fato de serem fatores que influenciam na inteligibilidade, de acordo com o estudo de Gooskens (2006) sobre a inteligibilidade mútua entre as línguas escandinavas, observando fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam nesse processo. Na próxima seção, dedicada à metodologia deste trabalho, os questionários e entrevistas estão mais detalhados.

Sobre os estudos de atitudes linguísticas dos falantes de Timor-Leste, há somente a publicação de Batoréo e Casadinho (2009). Este texto teve como base um corpus escrito e outro oral, com leste-timorenses residentes em Timor-Leste e em Portugal. O conteúdo dos textos escritos e das entrevistas eram sobre a situação do português como língua pluricêntrica, o multilinguismo e sua relação com o português, e a importância da língua portuguesa em Timor-Leste. As autoras observaram também as variáveis sociais dos falantes, principalmente idade e sexo. Digno de nota é que não foi abordado o tema do português falado pelos leste-timorenses. Os resultados alcançados foram que os falantes leste-timorenses consideram o multilinguismo como uma condição natural de sua sociedade, logo aceitam a língua portuguesa, porém as diferentes gerações, a mais velha e a mais nova, apresentam diferentes modelos mentais de atitudes em relação ao português, com a geração mais velha apresentando um modelo mental de identidade idealista, enquanto a geração mais nova um modelo mental de identidade pragmática. Finalmente, ambas as gerações “manifestam lealdade linguística e uma atitude linguística positiva face ao Português, língua que conceptualizam como pertencendo à sua própria história, cultura e identidade” (BATORÉO; CASADINHO, 2009, p. 12).

2. Metodologia

Como o presente trabalho trata-se de um estudo inicial e introdutório, utilizamos as três abordagens para observar, analisar e medir as atitudes linguísticas dos falantes leste-timorenses em relação à língua portuguesa em Timor-Leste, às variedades lusófonas (incluindo o PTL) e às línguas locais do país. Ademais, destacamos que as etapas do tratamento social e da abordagem direta realizamos principalmente em viagens de campo realizadas em anos anteriores e mantivemos os questionários e as entrevistas arquivados em acervo pessoal. Somente a abordagem indireta foi realizada recentemente, feita exclusivamente para este trabalho, sendo realizada com um número reduzido de falantes e remotamente, via Google Meet, WhatsApp e videochamadas.

No tratamento social, realizamos observações etnográficas *in loco* entre os anos de 2008 e 2014, verificando os documentos oficiais a respeito da política linguística de Timor-Leste, fazendo registro da paisagem linguística do país; usamos um corpus de textos escritos por professores do ensino pré-secundário e secundário; consultamos os resultados da bibliografia existente, principalmente Albuquerque e Taylor-Leech (2012), que analisaram a política

linguística atual de Timor-Leste e seu impacto no status e no corpus do português e do tétum-praça. Albuquerque e Almeida (2020), que estudaram a paisagem linguística de Timor-Leste e como a política linguística atual do país se encontra refletida nela, e Taylor-Leech (2019), a qual é a publicação mais atual que oferece um panorama das políticas linguísticas de Timor-Leste em sua situação pós-colonial⁴.

Seguindo a abordagem direta, aplicamos dois questionários (1º sociolinguístico e 2º linguístico) a sessenta (60) falantes, e entrevistamos doze (12) falantes graduados e graduandos da UNTL (Universidade Nacional Timor Lorosa'e, em Díli, capital de Timor-Leste).

No primeiro questionário inserimos perguntas biográficas: qual a língua materna do falante; quais outras línguas o entrevistado falava; escolaridade; a origem e as línguas faladas pelos pais; em qual língua se dava as interações com vizinhos, na rua, na escola, na aldeia em que nasceu, etc.

O segundo questionário possuía questões mais específicas, que indagavam sobre reações e opiniões a respeito de exemplos específicos de variação linguística (exemplos do PB e do PTL eram inseridos em diferentes

4 De maneira distinta à situação do PTL, há uma vasta bibliografia sobre política linguística de Timor-Leste, como fugiria do escopo deste texto realizar uma revisão bibliográfica do tema, utilizamos apenas as referências citadas por apresentarem uma perspectiva mais geral, englobando a situação das línguas oficiais, bem como os documentos governamentais relacionados.

perguntas); de descrição de situações de preconceito linguístico; e de línguas majoritárias e minoritárias.

As entrevistas apenas retomaram os temas presentes no segundo questionário, porém de maneira diferente, com um número maior de exemplos com o objetivo de confirmar as respostas dos falantes.

Finalmente, para a abordagem indireta, gravamos áudios em PB (um falante nativo) e áudios em PE (um falante nativo e outro não nativo, falante nativo de PB, imitando o PE) para saber se tínhamos alguma reação ou comentários distintos. Observamos e, posteriormente, solicitamos que os falantes, em número de seis (6), julgassem aspectos pessoais (impressões e opiniões) e linguísticos a respeito do que ouviram.

3. Análise dos resultados: as atitudes linguísticas dos falantes leste-timorenses

Nesta seção serão discutidos os resultados encontrados nos diferentes métodos utilizados em nossa pesquisa de atitudes linguísticas. Assim, esta seção está subdividida em três partes: em (3.1), estão os resultados da abordagem do tratamento social; em (3.2), são quantificados e comentados os dados encontrados da abordagem direta; e, em (3.3), encontram-se os resultados iniciais da abordagem indireta.

3.1 A abordagem do tratamento social

Na abordagem do tratamento social, baseamo-nos em nossas observações em campo em anos anteriores. Realizamos a leitura tanto dos documentos oficiais de política linguística do país⁵, como analisamos os meios de comunicação em massa (televisão, rádio, jornais e internet).

O que se destacou em nossas observações é que os falantes leste-timorenses apresentam uma visão legalista a respeito das línguas, ou seja, acreditam que a importância e valorização de uma língua, seu status, está ligado ao lugar que ocupa na política linguística oficial. Assim, uma parcela significativa da população apresenta um certo conhecimento da legislação, dos direitos linguísticos e educacionais de Timor-Leste. Ademais, reconhecem a importância de as línguas serem reconhecidas oficialmente, bem como do papel da Educação e do ensino das línguas locais, do status de língua oficial (português e tétum-praça) e de língua de trabalho (inglês e indonésio).

Inicialmente, pensamos que esses resultados ocorreram por termos feito nossas observações e interações mais com falantes de maior escolaridade (nível superior completo ou incompleto) e residentes ou nativos da capital, Díli. Porém,

5 Para uma listagem e comentários destes documentos, ver Albuquerque e Almeida (2020). Para um panorama das políticas linguísticas de Timor-Leste, ver Taylor-Leech (2019).

num momento posterior, lecionamos em dois distritos no interior do país, em Bobonaro e Baucau, e conduzimos observações, leituras, questionários e entrevistas dos quais obtivemos resultados muito próximos.

De acordo com pesquisas linguísticas recentes, como as já citadas de Albuquerque e Taylor-Leech (2012) e Albuquerque e Almeida (2020), o planejamento linguístico de Timor-Leste está próximo da legislação, pois se verifica um fortalecimento das duas línguas oficiais, o português e o tétum-praça, bem como o número de falantes, do ensino e dos meios de comunicação nessas línguas oficiais está a aumentar nos últimos anos⁶.

Entre os pontos negativos, destacamos dois problemas principais, que requerem atenção tanto das autoridades locais, quanto da comunidade acadêmica. O primeiro é a interferência de diversas entidades internacionais, que acabam por implantar projetos ou ações os quais não apresentam continuidade ou tentam promover o inglês no lugar do português. O segundo é a desvalorização das línguas locais de Timor-Leste, mesmo com o espaço para

6 Albuquerque e Taylor-Leech (2012) verificaram que o status e o corpus do tétum-praça cresceram muito nos últimos anos devido ao planejamento linguístico eficaz, já Albuquerque e Almeida (2020) analisaram a paisagem linguística de Díli e constataram a predominância dessas mesmas línguas nos prédios e demais construções oficiais, em estabelecimentos comerciais e em inscrições particulares/ residenciais, o que mostra que ambas as línguas estão sendo usadas nas ruas e no dia a dia dos falantes.

o ensino dessas línguas nos anos iniciais, ainda há a falta de materiais de ensino, de pesquisas linguísticas e de professores qualificados.

3.2 A abordagem direta

Na abordagem direta, elaboramos dois questionários para os falantes, bem como uma entrevista que reiterava as questões do segundo questionário, conforme comentamos anteriormente. Os números que foram contabilizados são das atitudes linguísticas dos falantes diante da língua portuguesa e de sua respectiva língua materna.

Para o estudo das atitudes linguísticas, concentramos nas respostas do segundo questionário, aplicado a 60 falantes, e nas entrevistas, conduzidas com 12 falantes. Apresentamos os resultados quantitativos e uma interpretação inicial, a qual reconhecemos que precisará ser verificada futuramente, ao ampliarmos a presente pesquisa. Os resultados não apresentam um somatório total dos números dos falantes, já que existiam diferentes perguntas tanto no questionário, quanto na entrevista, bem como ora os falantes não responderam algumas das perguntas, ora repetiram suas respostas, ora apresentaram respostas ambivalentes⁷.

7 Cacioppo, Gardner e Berntson (1997) chamam atenção para as ambivalências, pelo fato de o falante ter uma atitude diante de uma dimensão do objeto, mas ter outra atitude quando

A seguir, a tabela 1 apresenta os números das atitudes linguísticas em relação à língua portuguesa, junto com excertos (escritos ou falados) das opiniões distribuídas entre ‘atitudes positivas’, ‘atitudes negativas’, ‘atitudes neutras’, as frequências e o total de cada uma delas:

Tabela 1. Atitudes em relação à língua portuguesa em geral

Atitudes Negativas	Atitudes Positivas	Atitudes Neutras
<ul style="list-style-type: none"> ▪ ... estranha (2); ▪ ... tem que aprender nossa língua (2); ▪ ... não é boa (2); ▪ ... não gosta (2); ▪ ... não sabe falar (2); ▪ ... não compreende (2); ▪ ...só fala entre si (1); ▪ ... é engraçada (1). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ ... língua portuguesa traz benefícios (8); ▪ ... língua mais importante (4); ▪ ... riqueza de Timor (3); ▪ ... identidade nacional (3); ▪ ... nos sentimos bem (3); ▪ ... contente (3); ▪ ... diversidade (3); ▪ ... maravilhoso aprender/maravilhosa (2); ▪ ... são bem acolhidos (2) ▪ ... intercâmbio cultural (1); ▪ ... intercâmbio com estrangeiros (1). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ ... normal (18); ▪ ... não há reação (9); ▪ ...nada (4); ▪ ... é livre (3).
Total de ocorrências = 14	Total de ocorrências = 33	Total de ocorrências = 34

Fonte: Elaboração própria.

encara por outra dimensão o mesmo objeto. Somente estudos multidimensionais evitam tais ambivalências. Como a presente pesquisa está em estágio inicial e este texto é de natureza introdutória para apresentar os resultados iniciais, decidimos por apresentar os números e as atitudes ambivalentes existentes.

Ademais, decidimos também trazer alguns exemplos mais prototípicos de sentenças retiradas das entrevistas e questionários das diferentes atitudes para ilustrar as diferentes atitudes:

◦ Atitudes positivas:

1. “Eu acho que têm benefícios para agente, porque pode conhecer várias línguas”;
2. “Eu fico muito contente com essas situações, porque eu tenho chance para aprender outras línguas”;
3. “Acho que aprender português é maravilhoso, porque houve uma diversidade na linguagem”.

◦ Atitude neutra:

4. “Nossa opinião sobre essa questão é livre para eles”.

◦ Atitude neutra/ negativa (ambivalente):

5. “Nós reagimos normal, porque é a língua deles [...] Sim, normal. [...] Eles tem língua estranha para nós. [...] Sim, mas eles tem que aprender nossa língua”.

Os resultados encontrados não eram previstos, pois a atitude neutra se destacou com maior frequência (34) em relação às demais atitudes. Nossa previsão era a de que as atitudes positivas (33) em relação à língua portuguesa apresentariam uma frequência maior. Estes números podem

ter ocorrido por diversos fatores, podendo representar, de maneira real, a visão do grupo de falantes que fez parte de nossa pesquisa, ou a frequência das atitudes desse grupo de falantes ser apenas uma coincidência, exigindo uma pesquisa quantitativa mais detalhada, com peso relativo e grupo de controle. Assim, esse resultado pode ser interpretado como uma indiferença dos falantes leste-timorenses pelo fato de estarem acostumados ao multilinguismo tanto com línguas locais, quanto com línguas internacionais, desde tempos pré-históricos até os atuais, sendo a língua portuguesa apenas mais uma inserida no ecossistema linguístico do país.

Procuramos também compreender as atitudes dos falantes leste-timorenses em relação à concepção de língua, bem como a noções de valor, prestígio, status etc., enfatizando, principalmente, como eles avaliam as relações entre a língua portuguesa e as línguas nacionais. Assim, obtivemos as seguintes atitudes/ respostas:

Tabela 2. Atitudes em relação ao status do português e línguas locais

Português como língua minoritária	Línguas locais como línguas minoritárias
7 falantes consideram o português como língua minoritária;	47 falantes consideram suas línguas maternas inferiores ou que não são boas;
<ul style="list-style-type: none"> ◦ Os 7 justificam pelo fato de ser menos falada no território; 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ 12 mencionam o termo “língua-dialeto”; ◦ 12 justificam porque não é língua oficial; ◦ 10 falaram porque é a língua da aldeia; ◦ 4 falaram que é apenas dialeto; ◦ 4 falaram que é apenas língua materna; ◦ 3 falaram que é apenas língua paterna; ◦ 2 afirmaram que não é possível utilizar sua língua materna para o trabalho ou para a ciência.

Fonte: Elaboração própria.

Desta maneira, observamos que a maioria dos falantes (47) consideram sua língua materna inferior, ao compará-la ao português ou a outra língua internacional presente no país, como o inglês e o indonésio. Ainda, somente sete (7) falantes não encaram o português como uma língua de prestígio. Esses dados acabam por apontar que a maioria dos leste-timorenses apresenta um estigma contra suas próprias línguas maternas, enquanto valorizam apenas as línguas internacionais, principalmente o português.

3.3 A abordagem indireta

Para a abordagem direta, o autor da pesquisa, falante nativo de PB, gravou diferentes áudios em PB e simulando o PE, bem como utilizou gravações de um falante nativo de PE. As gravações em formato de áudio foram enviadas a seis (6) falantes de Timor-Leste, de maneira informal e em momentos distintos, em meio a conversas sobre a língua portuguesa, informando ser de outras duas pessoas.

Assim, inicialmente, observamos e registramos as reações desses falantes. Posteriormente, solicitamos que eles nos informassem suas impressões/opiniões e também julgassem o que ouviram. Os resultados se encontram na tabela 3:

Tabela 3. Atitudes linguísticas diante do PB

Positiva/ Negativa (Ambivalente) = 1	Neutra/ Positiva = 1	Negativa = 4
(Mesmo falante) <ul style="list-style-type: none"> • PB é muito bonito, mas ...; • não é bom; • não pode usar; • não pode falar; • não pode ensinar na escola. 	(Mesmo falante) <ul style="list-style-type: none"> • É normal; • O PB é bom e o PE também. 	<ul style="list-style-type: none"> • O PB é errado; • Os brasileiros falam errado; • Os outros língua portugueses não é bom; • O português correto é o de Portugal.

Fonte: Elaboração própria.

Ao ouvir diferentes áudios do PB, a maioria dos falantes (com exceção de um) apresentou reações diferentes. Quando

perguntados a respeito dos motivos dessas reações, eles ofereceram algumas explicações de natureza linguística e não linguística, principalmente de natureza econômica.

Quando os falantes ouviram o presente pesquisador falar em PE apenas 2 dos 6 reconheceram que se tratava do mesmo falante, bem como 4 deles apresentaram reações positivas ao ouvir áudios do PE. Seguem os resultados desse teste na tabela 3:

Tabela 4. Opiniões e reações a estruturas linguísticas e não linguísticas do PB e PE

Opiniões e Reações	
Econômicas	Linguísticas
<ul style="list-style-type: none"> • O aspecto econômico se resumiu aos benefícios pessoais que os demais países lusófonos podem oferecer; • Classificamos em dois tipos distintos, de acordo com os dados; • As justificativas e as oportunidades. 	<ul style="list-style-type: none"> • Diferentes reações de acordo com o nível de análise linguística; • Adaptamos e separamos, à guisa de exposição, entre fonologia, morfossintaxe e léxico.
Justificativas	Fonológicas
<ul style="list-style-type: none"> • O PB e outras variedades do português, especialmente as variedades africanas, não são boas pelo fato dos países onde são faladas não oferecerem muitas oportunidades; 	<ul style="list-style-type: none"> • Reação de surpresa: “é engraçada”, “é diferente”; • Algumas pronúncias do PB, como as africadas: dia [dʒiɐ], Timor [tʃimoh]; ou a diferença das vogais pretônicas e tônicas, quando comparadas ao PE: bem [beN], leite [leytʃi];

Oportunidades	Morfossintáticas
<ul style="list-style-type: none"> Bolsas, empregos, oportunidades em geral, auxílios, apoio à família etc. 	<ul style="list-style-type: none"> Reações negativas: “não é bom”, “é feio”, “é errado”, “é estranho”; Realização variável da concordância nominal e verbal, tendência ao uso da próclise no PB: “Me diz aí!”, “Me empresta seu celular?”;
	Lexicais
	<ul style="list-style-type: none"> Reações variadas e problemas na inteligibilidade; “é engraçado”, “estas palavras é confuso”, “não entendi o que foi dito”, “não conheço estas palavras”; Ex. café da manhã (PB) x pequeno almoço, mata-bicho (PE, PTL), banheiro (PB) x casa de banho (PE), bolsista (PB) x bolseiro (PE), apostila (PB) x sebenta (PE) etc.

Fonte: Elaboração própria.

Digno de nota é que também mostramos algumas gravações do PTL juntamente com áudios, vídeos e textos escritos (todos disponíveis online) das demais variedades do português, a saber: PTL, PA, PM, PMac, Português de Guiné-Bissau (PGB) e Português de Cabo Verde (PCV), divididos da seguinte maneira:

- PTL: 5 áudios;
- PA: 5 vídeos e 2 textos (excertos de artigo científico e textos literários);

- PM: 2 vídeos, 2 áudios e 2 textos (excertos de artigo científico e textos literários);
- PMac: 2 vídeos e 2 áudios;
- PGB: 4 vídeos, 2 áudios e 2 textos (excertos de artigos científicos);
- PCV: 2 vídeos, 2 áudios e 1 texto (excertos de artigos científicos).

Os vídeos e os áudios nós mostramos aos informantes em momentos de interação síncrona, bem como enviamos os mesmos materiais (arquivos e links) para serem vistos/ouvidos com calma, enquanto que em relação aos textos, elaboramos adaptações com excertos de obras literárias de autores reconhecidos dos países citados, separamos trechos de artigos científicos que têm como tema a variedade do português falada nesses países e os enviamos com orientações para a leitura e uma avaliação, ou seja, um momento assíncrono de interação. Digno de nota é que os avisamos antecipadamente que as amostras se tratavam do português falado no mundo lusófono. Após todas as etapas desse teste terem sido concluídas, alcançamos as seguintes reações/respostas como resultados:

- 4 falantes não quiseram acessar ou ver/ler o conteúdo, afirmando que não tinham interesse, pois esses eram exemplos errados do português (falaram também de não ter tempo por causa dos estudos e do trabalho, outros falaram não poder gastar a internet);

- 1 falante chegou a ver algum dos materiais, porém argumentou que perdeu o interesse rapidamente pelo fato de o português ser falado errado e ela não entendeu;

- 1 falante acessou grande parte do material, afirmou que gostou de conhecer outras culturas e povos que falam o português, mas que era um português errado e não serviria para seus estudos;

- Todos os 6 falantes testados quando ouviram as amostras de áudio do PTL afirmaram que se tratava de “colegas que não aprenderam o português” (1 falante não quis terminar de ouvir áudios, outro afirmou que era um “português não bom”).

4. Considerações finais

Além de não reconhecerem o PTL como norma e variedade de origem nacional e local, os leste-timorenses ainda apresentam uma visão preconceituosa, legalista e normativista (podendo ser chamada também de prescritivista ou até ‘gramaticista’) em relação à língua portuguesa e suas

variedades no mundo lusófono, incluindo o próprio PTL. De acordo com a proposta do pluricentrismo do português de Silva (2014, 2020), os leste-timorenses têm um conjunto de atitudes que se enquadram na postura romântica convergente, aceitando apenas a norma gramatical do PE como certa, bonita e a única a ser usada e ensinada, descartando as demais variedades tanto de Timor-Leste, como dos demais países lusófonos.

Nossa preocupação é com a conservação da diversidade linguística do português, bem como do bem-estar de seus falantes. Assim, propomos uma série de soluções que giram em torno da conscientização dos falantes e da valorização do PTL, sendo elas: o reconhecimento pela comunidade científica, a continuidade das pesquisas linguísticas e em outras áreas, principalmente na Educação; a apresentação à comunidade científica e aos cidadãos de Timor-Leste dos resultados das pesquisas e das características que o PTL possui (para que não sejam interpretados como erros ou coisas ruins); políticas linguísticas para o ensino, a formação de professores de Timor-Leste e demais profissionais da Educação a respeito da importância do PTL como uma variedade nacional, sendo que ela não é errada, tampouco inferior; elaborar um planejamento linguístico em que se

deixe claro e enfatize que o PTL é uma variedade que pode vir a conviver com o português padrão (standard), ensinado nas escolas, numa situação de bidialetalismo (diglossia); finalmente, rever a política linguística do país para que haja um reconhecimento e um espaço para o PTL ao lado do PE e das demais línguas locais.

Temos consciência de que um dos problemas do conjunto de nossas soluções é que elas estão fora do alcance individual e dos investigadores, sendo maior a responsabilidade das autoridades governamentais, ONGs e outros grupos com poder de intervir/negociar a níveis oficiais. Todavia, consideramos ser de fundamental importância que parte das soluções apontadas sejam colocadas em prática em curto prazo para que o PTL não entre em um estado ameaçado. Caso isso não aconteça, o PTL, como está em formação, ao ser desvalorizado e estigmatizado, como vem sendo, pode vir a se extinguir no futuro, perdendo consigo as particularidades linguísticas e culturais que essa variedade está a desenvolver.

Referências

- AFONSO, Susana; GOGLIA, Francesco. Portuguese in East Timor as a non-dominant variety in the making. *In*: MUHR, Rudolph; MARLEY, Dawn (Eds.). *Pluricentric Languages: New Perspectives in Theory and Description*. Wien/Frankfurt: Peter Lang Verlag, p. 193-205, 2015.
- ALBUQUERQUE, Davi. O Português de Timor Leste: contribuição para o estudo de uma variedade emergente. *Papia*, v. 21, n. 1, p. 65-82, 2011.

ALBUQUERQUE, Davi. A internacionalização da língua portuguesa. O que é? Por quê? Para quem? Como?. *Revista de Estudos de Português Língua Internacional*, v. 1, n. 3, 2021.

ALBUQUERQUE, Davi; ALMEIDA, Nuno C. Paisagem linguística de Timor-Leste: Multilinguismo e política linguística. *Domínios de Lingu@Gem*, v. 14, n. 4, p. 1197-1244, 2020.

ALBUQUERQUE, Davi; TAYLOR-LEECH, Kerry. Política linguística para as línguas oficiais em Timor-Leste: o português e o Tétum-Praça. *Revista Gragoatá*, v. 17, p. 153-169, 2012.

BATORÉO, Hanna J. The contact induced partial restructuring of the non-dominating variety of Portuguese in East Timor. In: MUHR, Rudolph (Ed.). *Pluricentric Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide: the pluricentricity of Portuguese and Spanish: new concepts and descriptions*. Wien/ Frankfurt: Peter Lang Verlag, p. 137-153, 2016.

BATORÉO, Hanna J.; CASADINHO, Margarida. O Português – uma língua pluricêntrica: O Caso de Timor-Leste. *Estudos Linguísticos (Braga)*, v. 13, n. 1, p. 63-79, 2009.

BAXTER, Alan. Portuguese as a pluricentric language. In: CLYNE, Michael (Ed.). *Pluricentric languages: Differing norms in different nations*. Berlin: De Gruyter Mouton, p. 11-44, 1992.

BAXTER, Alan. O Português em Macau: Contato e assimilação. In: CARVALHO, Ana M. (Ed.). *Português em contato*. Madrid/ Frankfurt: Ibero-americana/ Vervuert, Vervuert, p. 277-312, 2009.

CACIOPPO, John T.; GARDNER, Wendi L.; BERNTSON, Gary G. Beyond bipolar conceptualizations and measures: The case of attitudes and evaluative space. *Personality and Social Psychology Review*, v.1, p. 3-25, 1997.

CAO PONSO, Letícia. O contato entre o Português e as línguas Bantu em Moçambique: a alternância de atitudes sobre o estatuto social das línguas em jovens universitários. *Cadernos de Letras da UFF*, v.26, p. 121-144, 2016.

CLYNE, Michael (Ed.). *Pluricentric languages: Differing norms in different nations*. Berlin: De Gruyter, 1992.

FARACO, Carlos A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GARRETT, Peter. *Attitudes to language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GARRETT, Peter; COUPLAND, Nikolas; WILLIAMS, Angie. *Investigating language attitudes: Social meanings of dialect, ethnicity and performance*. Cardiff: University of Wales Press, 2003.

GONÇALVES, Perpétua. *Português em Moçambique: Uma variedade em formação*. Maputo: UEM, 1996.

GONÇALVES, Perpétua. *A génese do português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2010.

GONÇALVES, Perpétua; STROUD, Christopher (Orgs.). *Panorama do português oral do Maputo*. Vol. IV. Maputo: INDE, 2000.

GONÇALVES, Perpétua; STROUD, Christopher (Orgs.). *Panorama do português oral do Maputo*. Vol. V. Maputo: INDE, 2002.

GEERAERTS, Dirk. 2003. Cultural models of linguistic standardization. In: DIRVEN, René; FRANK, Roslyn; PÜTZ, Martin (Eds.). *Cognitive models in language and thought*. Ideology, metaphors and meanings. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

GOOSKENS, Charlotte. Linguistic and extra-linguistic predictors of inter-Scandinavian intelligibility. *Linguistics in the Netherlands*, v. 23, n. 1, p. 101-113, 2006.

INVERNO, Liliana. *Contact-induced restructuring of Portuguese morphosyntax in interior Angola*, 2011. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

LUCCHESI, Dante. Norma lingüística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (Ed.). *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, p. 63-90, 2002.

MUHR, Rudolph. Language Attitudes and language conceptions non-dominating varieties of pluricentric languages. In: MUHR, Rudolph (Ed.). *Standardvariationen und Sprachideologien in verschiedenen Sprachkulturen der Welt*. Wien: Peter Lang Verlag, p. 11-20, 2005.

MUHR, Rudolph. Linguistic dominance and non-dominance in pluricentric languages: A typology. In: MUHR, Rudolph (Ed.). *Non-dominant Varieties of pluricentric Languages*. Getting the Picture. Wien: Peter Lang Verlag, p. 23-48, 2012.

MULINACCI, Roberto. Não falem português, falem brasileiros. Algumas notas sobre a noção de português como “língua internacional”. In: TEIXEIRA, José. (Org.). *O Português como Língua num Mundo Global*. Problemas e potencialidades. Famalicão: Húmus, p. 103-127, 2016.

PINTO, Edith P. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*. Curitiba: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1978.

RYAN, Ellen B.; GILES, Howard (Eds.). *Attitudes towards language variation: Social and applies contexts*. Londres: Edward Arnold, 1982.

SARNOFF, Irving. Social attitudes and the resolution of motivational conflict. In: JAHODA, Marie; WARREN, Neil (Eds.). *Attitudes*. Harmondsworth: Penguin, p. 271-282, 1970.

SANTOS, Diana. Português internacional: alguns argumentos. In: TEIXEIRA, José. (Org.). *O Português como Língua num Mundo Global*. Problemas e potencialidades. Famalicão: Húmus, p. 49-66, 2016.

SILVA, Augusto S. The pluricentricity of Portuguese: A sociolectometrical approach to divergence between European and Brazilian Portuguese. In: SILVA, Augusto S. (Ed.). *Pluricentricity*. Berlin: De Gruyter Mouton, p. 143-188, 2014.

SILVA, Augusto S. O português no mundo e a sua estandardização: entre a realidade de uma língua pluricêntrica e o desejo de uma língua internacional. In: BARROSO, Henrique (coord.). *O português na casa do mundo, hoje*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos, p. 111-132, 2018.

SILVA, Augusto S. Normative Grammars. In: LEBSANFT, Franz and TACKE, Felix (Eds.). *Manual of Standardization in the Romance Languages*. Berlin: De Gruyter, p. 679-700, 2020.

TAYLOR-LEECH, Kerry. Postcolonial language-in-education policy in globalised times: The case of Timor-Leste. In: KIRKPATRICK, Andy;

LIDDICOAT, Anthony J. (Eds.). *The Routledge International Handbook of Language Education Policy in Asia*. Londres: Routledge, p. 298-311, 2019.

Davi Albuquerque

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília.

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília, em 2014.

Vínculo como pesquisador do NELIM-UFG.

Membro dos seguintes grupos de pesquisa: NELIM (Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário), da Universidade Federal de Goiás (UFG); GEPL (Grupo de Estudos de Linguística Ecolinguística), da Universidade de Brasília (UnB); e GEPLI (Grupo de Estudos de Português Língua Internacional), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Email: albuquerque07@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4480651866994639>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1941-6925>